



José Cardoso Pires

“Um pato-bravo, voava, voava...”

SENTADO E MAL PAGO numa cadeira de rodas, um electricista que eu cá sei passava os dias a cantar a “Ladainha das Gaivotas” da cançonetista Ermelinda Duarte, mas numa tradução livre e muito dele. Em vez da gaivota que voava, voava, trocava o nome ao pássaro e daí para diante ia em rima solta, ao desvario:

“Um pato-bravo, voava, voava/filho da puta, nunca mais parava...”

Compreende-se. O electricista tinha ficado soterrado numas obras de construção eleitoral e logo que o arrancaram dos escombros pôs-se a amaldiçoar o empreiteiro da sua triste sina e pediu a todos os santos que o levassem o mais para fora possível da terra que o tinha querido engolir. Ascendeu, ascendeu, e foi parar, de cadeira de rodas, a um sexto andar da Baixa da Banheira que um casal de reformados da miséria tinha ocupado a título provisório. Teve essa sorte porque, felizmente, o pato-bravo não conseguira acabar o prédio (nem aquele nem outros mais) e voara para longe dos credores com o papinho cheio de moedas e de dívidas para esquecer.

Mas na sua invalidez, o electricista não só subira em altura como em conhecimento do mundo, porque vivia agarrado a um televisor que lhe aumentava a voltagem do saber e da desconfiança até ao limite do curto-circuito. Via ministros a inaugurar auto-estradas e mais adiante as auto-estradas a esbeçarem-se, a abaterem. Via em plena Boavista, no Porto, Cidade Invicta, um arranha-céus acabadinho de construir a desfazer-se por inteiro; via supermercados a abrir brechas, prédios a aluir, bombeiros a rebuscarem destroços, corpos tapados com cobertores a caminho da morgue, e como sempre lá andavam os repórteres de microfone na mão à procura dos patos-bravos responsáveis e os patos-bravos sem

Na sua invalidez, o electricista vivia agarrado a um televisor que lhe aumentava a voltagem do saber e da desconfiança até ao limite do curto-circuito. Via ministros a inaugurar auto-estradas e mais adiante as auto-estradas a esbeçarem-se, a abaterem. E lá andavam os repórteres de microfone na mão à procura dos patos-bravos responsáveis e os patos-bravos sem aparecerem porque, cantava ele com um riso verde, “um pato-bravo, voava, voava”...

aparecerem porque, cantava ele com um riso verde,

“um pato-bravo, voava, voava”

e mesmo com todos os inquéritos “ninguém mais o apanhava”.

O dono da casa, que apesar de tudo tinha muito amor à sua reforma de miséria e à sua casinha provisória, não gostava de o ouvir nesta “Ladainha dos Patos-bravos”, porque era uma ofensa ao Governo, dizia ele. Lembrava-lhe, por estas ou por outras palavras, que o senhor ministro Cavaco estava sempre a avisar contra os apóstolos da desgraça, contra os miserabilistas, malabaristas ou lá o que ele entendia, e prevenia-o que a SIS andava à solta com os olhinhos e os ouvidos bem abertos, oh se andava!

Da SIS sabia o electricista, olha a novidade. Pelo que aprendera nos debates da televisão estava até desconfiado que essa tal SIS era um pseudónimo engravado da PIDE ou, se não era, para lá caminhava. Pôs-se às voltas na cadeira de rodas para afastar o medo e só via pides condecorados pelo Governo, pides entrevistados respeitosamente pelos senhores da TV, pides protegidos pelo segredo dos

arquivos da Torre do Tombo; e, entontecido com tantas voltas, jurou pôr ponto final ao cântico aos patos-bravos, fossem eles engenheiros de ministros, empresários de cinco estrelas ou mestres-de-obras de bota cardada e olho porcino.

Assim, quando uma comissão de boa-vontade visitou os bairros clandestinos e subiu até ele para o amparar, manteve a maior compostura e nada de fazer ondas. Eram todos da SIS, pela certa.

“Oh, que belas mãos”, disse-lhe uma psicóloga de deficientes motores. “Porque não monta aqui uma pequena oficina?”

E ele, nada.

“Boa luz, pavimento razoável, vá lá, tenho visto coisas piores”, disse um engenheiro da comitiva.

Nada, outra vez. Via, escutava e calava, e já era muito.

Para fechar a visita, um padre com o emblema do Sporting de Braga deu-lhe uma palmadinha no ombro: “Esperança é que é preciso. Nada de desanimar”.

O electricista mal os viu pelas costas agarrou-se ao televisor e tudo recomeçou como dantes. Agora eram as pontes, as pontes também estavam em perigo, a começar pela 25 de Abril, segundo o engenheiro Edgar Cardoso que era um “barra” na matéria. E a do Viaduto Duarte Pacheco, igualmente. Tinha tantas brechas que o electricista chamou o dono da casa para lha mostrar no televisor:

“Esta já não aguenta este Inverno, vai uma apostazinha?”

Quem não aguentou foi ele, porque, dias depois, ao começarem umas escavações junto à base do prédio, as paredes foram-se abaixo e ficou tudo num amontoado de corpos, móveis e destroços. Do electricista cantador não se encontraram rastros nem sinais.

Dizem que voou na sua cadeira de rodas, levado por uma nuvem de patos-bravos. ●